

## CONVIVÊNCIA, DIÁLOGO, PARTICIPAÇÃO: CONDIÇÃO DE APRENDIZAGEM

Nas últimas décadas, todos os países industrializados, incluindo o Brasil, atravessaram reformas educacionais. Através de novas políticas educacionais e transformações no currículo, tais nações estabeleceram um processo longo e profundo de transição nas escolas, que está produzindo alguns avanços singulares no processo de ensino-aprendizagem. Mas qual o sentido dessa mudança?

A iniciativa de reforma reflete tanto uma visão de futuro quanto um horizonte presente de crise. Assim, novas abordagens no processo de ensino-aprendizagem teriam a função de melhorar a relação dos alunos com o conhecimento, mas também deveriam proporcionar novos desenhos para a convivência em sala de aula, por exemplo. É nesse sentido que podemos afirmar que, no centro da transição pela qual passam as escolas, estaria um desafio relacionado às questões de convivência no ambiente escolar.

Mas o que está ocorrendo com a convivência em sala de aula? Um conjunto de estudos realizados na primeira década deste século sugere transformações nas relações e no ambiente de sala de aula. Isso, entretanto, parece refletir causas complexas, algumas das quais ainda precisam ser investigadas. Mas é interessante observar que, nas escolas, parece estar ocorrendo uma confluência de forças de transformação. Ali, é perceptível uma turbulenta transição em direção a relações mais democráticas, mais criativas, mas também a uma configuração multicultural de escola. Mas é sob o signo da inquietude que essa transição vem ocorrendo nas escolas.

Outro aspecto a destacar refere-se à percepção dos professores quanto a supostas transformações em curso no perfil dos estudantes. Isso é algo que deveríamos considerar com atenção. Há alguns meses, no final de 2009, o presidente Barak Obama anunciou uma nova campanha, intitulada “Educar para Inovar”, destinada a estimular o interesse dos estudantes pelo estudo das matérias de Ciências na educação básica. Um dos aspectos interessantes dessa campanha reside em modificar a imagem que crianças e jovens têm sobre Ciências. Um argumento central sugere que, embora as disciplinas de Ciências sejam reconhecidas como importantes pelos estudantes, os professores precisam falar sobre elas de um modo diferente em sala de aula se desejam que aqueles efetivamente aprendam e estabeleçam relações de interesse que persistam ao longo dos seus trajetos educacionais e de formação profissional. Então, na escola, é preciso ensinar e inspirar os alunos. Mas a campanha apresenta uma estratégia de apoio ao trabalho das escolas, envolvendo parcei-

ros e personagens importantes da mídia, incluindo empresas que produzem games, com a finalidade de enviar uma mensagem que efetivamente alcance os estudantes e comunique o fascínio da invenção e da descoberta envolvido no estudo de ciências.

Essa é uma iniciativa histórica, que revela um claro reconhecimento de que estariam em curso mudanças importantes tanto no perfil dos alunos quanto no universo da escola. É precioso um diálogo diferente para ensinar alunos diferentes. Assim, se os professores desejam inspirar interesse nesses alunos, será necessário utilizar outras formas e canais para comunicar a importância de que está no currículo. Isso significa que as escolas precisam não somente de um currículo novo, mas de novas formas de conquistar a atenção dos alunos para aquilo que está no currículo.

Mas também há mudanças importantes em curso em algo bastante fundamental e antigo nas escolas: as relações entre professores e alunos. Há séculos os professores enfrentam diariamente o desafio de conseguir o engajamento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. E como obter esse engajamento? Talvez por ser antiga, essa pergunta tem recebido diferentes respostas ao longo dos últimos séculos, e certamente tem sido muito revisitada nas últimas décadas.

Há várias respostas interessantes produzidas por educadores e estudiosos na atualidade. Entre elas gostaríamos de mencionar a noção de que o engajamento dos estudantes solicita novas formas de estimulação e desenvolvimento cognitivo que sejam capazes de articular a elaboração conceitual, por exemplo, através de processos de aprendizagem colaborativa envolvendo processos de simulação e representação que destacam o papel do imaginário dos estudantes. Recorrer ao imaginário seria uma via mais promissora para obter a própria atenção dos alunos em sala de aula, em relação às usuais estratégias de estimulação que superestimam o papel da linguagem visual, por exemplo.

Outras respostas sugerem uma direção que conecta novas tecnologias de informação e comunicação aos processos de ensino-aprendizagem, aliadas a transformações no currículo, como estratégia para promover uma transição cultural nas escolas em direção a novas formas de diálogo e participação em processos de “aprendizagem com mobilidade”, dentro e fora da sala de aula. No centro dessa tendência estaria um processo de reinvenção do diálogo com o conhecimento. Em sala de aula, isso implicaria transitar de relações de diálogo linear, baseadas em perguntas retóricas e situações de perplexidade simples, para formas de diálogo complexo, baseadas em experiência de investigação e simulação participativa, que solicitam atitudes e perguntas efetivamente reflexivas.



## ARTIGO PROF. DR. JOE GARCIA

Há muitas outras respostas a explorar e outras a construir. Estas serão importantes na medida em que nos estimulem a pensar e transformar a escola e os sujeitos que ali estão. Os professores, figuras centrais dessa transição na educação, precisam ensinar pressupondo um aluno diferente, capaz de criação intelectual, que necessita de uma escola capaz de alimentar sua imaginação, desafiar sua inteligência e que proporcione um encontro com um horizonte cultural que o ultrapasse.

\* **Joe Garcia** é mestre em Educação pela Universidade do Paraná e doutor em Educação pela PUC-SP. Atualmente é professor adjunto da Universidade Tuiuti do Paraná, e realiza pesquisas sobre práticas pedagógicas, com foco em indisciplina escolar, e interdisciplinaridade, teorias de currículo, práticas pedagógicas inovadoras e formação de professores.